

O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO E O COMBATE À DESINFORMAÇÃO: Uma análise das bibliografias da disciplina de lógica nos cursos de Biblioteconomia no Brasil¹

Julia dos Santos Oliveira²
José Claudio Morelli Matos³

Este trabalho é um relato da pesquisa “Lógica contra a desinformação – Aplicação de conhecimentos da Lógica no combate ao negacionismo no ensino de Biblioteconomia no Brasil”, que teve como objetivo geral identificar conhecimentos de lógica como instrumento de confiabilidade informacional e defesa contra o negacionismo e outras estratégias de desinformação. A metodologia empregada foi a Teoria Fundamentada, que consiste na análise qualitativa de dados buscando construir conhecimentos teóricos sobre eles.

Com o plano de trabalho intitulado “Amostragem e codificação de fontes sobre negacionismo e desinformação no Brasil”, minha contribuição foi inicialmente focada na codificação das publicações disponíveis acerca destes temas. Ao longo do estudo, a pesquisa voltou sua atenção para as bibliografias de lógica disponíveis nas emendas dos cursos de graduação de Biblioteconomia do país.

De início, seguindo um levantamento bibliográfico previamente feito por outros integrantes do projeto, tínhamos um total de 97 obras a serem analisadas. Desta forma, foram criadas categorias para auxiliar a tarefa, onde em cada uma deveríamos responder a algumas perguntas, como mostrado abaixo:

Quadro 1. Categorias de análise

1. Codificação aberta	Quais são as obras que ocorrem nas bibliografias? Em quais instituições a obra está presente na bibliografia da disciplina de lógica? Quantas vezes a ocorrência da obra se repete? Quais as diferenças de edição/ano em função das repetições na ocorrência?
2. Codificação axial	Se trata de uma obra de lógica? É uma obra híbrida ou de outro campo? Qual é a estrutura ou divisão de assuntos da obra? Qual a proporção entre lógica simbólica e lógica discursiva? Como é a distribuição e tipos de exercícios? Como é a distribuição e tipos de exemplos?
3. Codificação seletiva	Há conteúdos para definir “argumento” (o que é e para que serve), reconhecer e identificar argumentos em textos, discursos, falas? Há conteúdos para estabelecer a validade de argumentos, e invalidade?

¹ Vinculado ao projeto “Lógica contra a desinformação – Aplicação de conhecimentos da Lógica no combate ao negacionismo no ensino de Biblioteconomia no Brasil”

² Acadêmica do Curso de Biblioteconomia – FAED – Bolsista PROBIC/UDESC.

³ Orientador, Departamento de Biblioteconomia – FAED – jose.matos@udesc.br

	Há conteúdos para definir “falácia” (o que é e para que serve), reconhecer e identificar falácias, lista com tipos ou espécies de falácias? Há exemplos? Como são (atuais, complexos ou simples)? Há exercícios?
--	---

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Após definidas as categorias de análise, as obras foram caracterizadas segundo sua estrutura e assuntos abordados (se se trata de obras típicas, dicionários ou sobre a história da lógica, e se focam na lógica formal ou informal), resultando em 33 obras para codificação. Esse total diminuiu mais após a aplicação de alguns critérios de exclusão, como mostrado a seguir:

Quadro 2. Critérios de exclusão

Critério	Número de obras
Obra estrangeira	13
Obra literária	1
Específica da computação	14
Específica da organização do conhecimento	23
Específica da recuperação da informação	1
Específica da matemática	1
Específica da filosofia	12
Lógica avançada	2
Artigo	14
Capítulo de livro	4

Fonte: elaborado pela autora, 2024.

Estes critérios foram definidos a partir do raciocínio de que: (1) os acadêmicos de graduação não tem obrigação de saberem uma língua estrangeira, ou seja, as obras trabalhadas no decorrer do curso devem ser apresentadas na língua portuguesa; (2) obras literárias e de campos aparentados devem ser excluídas já que se tratam de conteúdos estranhos ao tema da lógica, principalmente informal; e (3) foi dada preferência por documentos na forma típica ideal para o ensino da lógica, ou seja, livros, especialmente manuais, excluindo assim artigos científicos e capítulos de livros. O total resultante após essa etapa foi de 12 obras.

Porém, posteriormente ao início da codificação dos conteúdos das mesmas, foi identificado que destas 12 obras, as mais relevantes, por tratarem de conhecimentos de argumentação, validade e falácias relevantes para a pesquisa, seriam 8 livros de uso didático ou de referência, sendo eles: Copi (1978); Keller e Bastos (2009); Kneale e Kneale (1980); Mortari (2001); Nahra e Weber (1999); Salmon (1978); Soares (2003); e Walton (2012).

Essa codificação ocorreu seguindo as categorias de análise apresentadas anteriormente. Em todas as obras foram observados conteúdos referentes a argumentação e validade, porém apresentados de maneiras e enfoques diferentes, e o único autor que não trata de falácias na sua obra é Mortari (2001).

Desta forma, temos que um argumento é formado por premissas e conclusão e tem o objetivo de convencimento.

Argumento é construção intelectual, que segue uma ordem própria, servindo-se de materiais conceituais dados pelas diversas experiências humanas. Argumentar é estruturar estes materiais. A estruturação destes materiais é que torna possível diferenciar um argumento logicamente válido ou correto de uma falácia ou sofisma [...] o argumento logicamente válido pretende fundar-se em dados racionais (Keller; Bastos, 2009, p. 43).

Quando o assunto é validade de um argumento, Nahra e Weber (1999) ressaltam que, para que ela ocorra, é impossível que, com as premissas verdadeiras, sua conclusão seja falsa; da mesma forma que é impossível que, se as premissas forem verdadeiras, a conclusão deve ser imediatamente deduzida destas premissas.

Como salienta Mortari (2001), a validade está ligada a estrutura de um argumento.

Se um argumento é válido, dizemos que sua conclusão é *consequência lógica* de suas premissas. [...] um argumento pode ser válido mesmo que suas premissas e conclusão sejam falsas. [...] O que não pode absolutamente ocorrer, para que um argumento ser válido, é que ele tenha premissas verdadeiras e conclusão falsa (Mortari, 2001, p. 19).

O último item da codificação foi a presença de conteúdos referentes a falácias, já que elas estão diretamente ligadas ao foco do estudo da pesquisa, que é o uso da lógica no combate a desinformação e ao negacionismo. A forma como este conteúdo é apresentado na bibliografia analisada é motivo de destaque, já que apenas um livro, como mencionado anteriormente, não tratou do assunto, e os que abordam trouxeram uma variedade grande de tipos de falácias, juntamente com exemplos e exercícios. Por definição:

As falácias são erros de raciocínios em que podemos cair por inadvertência ou falta de atenção ao nosso tema, ou então porque somos iludidos por alguma ambiguidade na linguagem usada para formular nosso argumento (Copi, 1981).

Soares (2003, p. 129) completa ao considerar falácia como “qualquer tipo de raciocínio errôneo, falso ou dedutivamente ilegítimo [...] procura convencer muito mais pelo lado psicológico do que pelo lógico”.

Como Dunning (2019), com base no artigo de Diethelm e McKee (2009), propõe quando cria a nomenclatura FLICC, a falácia é uma estratégia utilizada pelos negacionistas na busca pelo convencimento. A sigla é uma abreviação composta pelas primeiras letras das palavras em inglês referentes aos cinco elementos que caracterizam o negacionismo: *Fake Experts* (Falsos Especialistas), *Logical Fallacies* (Falácias Lógicas), *Impossible Expectations* (Expectativas Impossíveis), *Cherry Picking* (Seleção a Dedo ou “Catação de Piolho”) e *Conspiracy Theories* (Teorias da Conspiração).

Por definição, o negacionismo é categorizado como:

Negacionismo: atitude que consiste em desacreditar conhecimentos estabelecidos pelo consenso de especialistas, mediante estratégias de contra argumentação, visando modificar a percepção do público acerca de tais conhecimentos. Aparece em sociedade na forma de uma

estratégia de produção e comunicação de discursos, documentos e mensagens (Matos; Santos; Costa, 2023, p. 9).

Sendo assim, a maneira mais efetiva de combater o negacionismo é inoculando as pessoas sobre as possíveis estratégias empregadas na propagação de desinformação, já que apenas fornecer a informação correta não é suficiente. Ou seja, “preparar as pessoas para possíveis informações erradas, expondo algumas das falácias lógicas inerentes às comunicações enganosas *a priori*” (Cook; Lewandowsky; Ecker, 2017, p. 2). A inoculação, segundo Cook, Lewandowsky e Ecker (2017, p. 4), acontece a partir de “(1) um aviso explícito de uma ameaça iminente e (2) uma refutação de um argumento antecipado que expõe a falácia”.

A partir da análise e codificação das obras presentes nas emendas dos cursos de Biblioteconomia do Brasil, ficou evidente como os conteúdos estudados na disciplina de Lógica no decorrer da vida acadêmica dos estudantes, podem ajudar a formar profissionais e pessoas qualificados para reconhecer, se defender e combater o negacionismo e a desinformação nos discursos científicos e das mídias sociais.

Logo, se a inoculação se mantém como a melhor estratégia de combate ao negacionismo, ela tem que ser feita de determinada maneira. Dentro da disciplina de Lógica, os conhecimentos sobre argumentação e falácias podem ser mais bem utilizados, pensados para serem usados em exercícios, atividades, aulas e estudos com o propósito de inoculação, podendo usar de exemplos de argumentos negacionistas, criando oportunidade para que a disciplina utilize este potencial de forma mais efetiva. Assim, algumas alternativas para uma melhor aplicabilidade desses conteúdos seriam a produção de novos materiais didáticos e paradidáticos (em forma de manuais ou materiais auxiliares), a utilização do material já disponível, mas de uma outra maneira, ou ambos.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Lógica. Negacionismo.

REFERÊNCIAS

COOK, J.; LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H. Neutralizing misinformation through inoculation: Exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. **PloS One**, v. 12, n. 5, 2017. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0175799>. Acesso em: 25 ago. 2024.

COPI, I. M. **Introdução à lógica**. 3. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1981.

DUNNING, B. As cinco manobras da negação da ciência. **Revista Questão de Ciência**, 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.revistaquestaoodeciencia.com.br/artigo/2019/09/19/cinco-manobras-da-negacao-da-ciencia>. Acesso em: 25 ago. 2024.

KELLER, V.; BASTOS, C. L. **Aprendendo lógica**. 16a. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KNEALE, W.; KNEALE, M. **O desenvolvimento da lógica**. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

MATOS, J. C. M.; SANTOS, W. R.; COSTA, A. L. M. Aplicação de conhecimentos da lógica no combate ao negacionismo: possibilidades e desafios no ensino de biblioteconomia no Brasil. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 28, n. 2, 2023. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/2059>. Acesso em: 25 ago. 2024.

MORTARI, C. A. **Introdução à lógica**. São Paulo: EDUNESP: Imprensa Oficial, 2001.

NAHRA, C.; WEBER, I. H. **Através da lógica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SALMON, W. C. **Lógica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. (Curso Moderno de Filosofia).

SOARES, E. **Fundamentos de lógica: elementos de lógica formal e teoria da argumentação**. São Paulo: Atlas, 2003.

WALTON, D. N. **Lógica informal: manual de argumentação crítica**. Tradução: Ana Lúcia R. Franco e Carlos A. Salum. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.